

29 e 30 out

Orquestra Gulbenkian
Nuno Coelho
Maximilian Hornung

Concerto para Violoncelo Dvořák



GULBENKIAN
MÚSICA



Orquestra Gulbenkian

Nuno Coelho Maestro

Maximilian Hornung Violoncelo

Andreia Pinto Correia

Xántara

Antonín Dvořák

Concerto para Violoncelo e Orquestra,
em Si menor, op. 104

1. *Allegro*
2. *Adagio ma non troppo*
3. *Finale: Allegro moderato*

INTERVALO 20 MIN

Charles Ives

Sinfonia n.º 2

1. *Andante moderato*
2. *Allegro*
3. *Adagio cantabile*
4. *Lento maestoso*
5. *Allegro molto vivace*

DURAÇÃO APROXIMADA 120 MIN

Andreia Pinto Correia

Lisboa, 1971

Xántara

Composição 2011 Duração c. 8 min

Andreia Pinto Correia é uma das compositoras portuguesas atuais com maior projeção internacional. A sua música é como que uma vasta paisagem sonora de afetos, lugares e memórias e possui assim certas qualidades “impressionistas” que usam, naturalmente, todos os recursos da orquestra contemporânea.

Xántara, escrita em 2011 e estreada em 2012 nos EUA (onde a compositora vive e trabalha) e em 2013 pela Orquestra Gulbenkian, em Lisboa, é uma curta peça que evoca a magia ancestral de Sintra. A formação de Andreia Pinto Correia em música de cinema e em jazz revela o interesse da compositora por uma música que convoca imagens e sonoridades menos convencionais, algo notável na sua música de concerto. Nas palavras da compositora: “*Xántara* – hoje conhecida como Sintra – é um lugar mágico (...) descrito pelo lendário geógrafo Al-Bakri no século XI; por esse motivo, a obra é dedicada ao aclamado arabista português Adalberto Alves, cujas pesquisas têm sido uma fonte de inspiração para mim há muitos anos. Cercada por montanhas verdejantes, *Xántara* (...) está muitas vezes envolta numa névoa misteriosa que traz consigo a maresia do oceano próximo (...). A obra retrata a esplêndida paisagem natural de *Xántara*, inspirando-se na sua atmosfera de mistério.”

Antonín Dvořák

Nelahozeves, 1841 – Praga, 1904

Concerto para Violoncelo e Orquestra, em Si menor, op. 104

Composição 1894-1895 Duração c. 40 min

Charles Ives

Danbury, 1874 – Nova Iorque, 1954

Sinfonia n.º 2

Composição 1897-1902 Duração c. 43 min

A ligação entre Dvořák e Ives é profunda, embora de natureza ambígua e até, ousaria dizê-lo, contraditória. Dvořák viveu apenas três anos nos EUA, entre 1892 e 1895, já em plena maturidade (falecerá em 1904), e a influência da sua música, herdada de Brahms, mas com o sabor popular que o caracterizou, será determinante para a música norte-americana, à época praticamente desprovida de nomes sonantes. Em particular, o uso de melodias supostamente “índias” (dos nativos norte americanos) e outras canções afro-americanas, cujas bases pentatónicas, curiosamente, não andavam longe de alguns princípios da música popular da Boémia e da Morávia, fizeram a ligação entre a música de Dvořák, nomeadamente a escrita nos EUA (*Sinfonia do Novo Mundo*) e os compositores norte-americanos à procura de uma orientação “legítima”, europeia.

Já Ives estudou com Horatio Parker, em Yale, entre 1894 e 1898, ou seja, ainda durante a estadia de Dvořák em Nova Iorque – cidade para a qual Ives se mudará logo após terminar os estudos – e as suas duas primeiras sinfonias, inspiradas por este, poucos indícios fornecem daquilo que Ives virá a ser: o primeiro grande modernista norte-americano e um dos mais radicais da sua época.

É-nos difícil pensar em compositores como Wagner (que ponderou a certa altura mudar-se para lá...) ou Dvořák nos EUA, já na altura um país avançado tecnologicamente e, em termos políticos, considerado o farol da democracia e dos ideais republicanos, muito à frente da velha Europa. Mas bastará ler Jules Verne

e constataremos a admiração deste pelo país e pela audácia dos seus habitantes, bem como Franz Kafka que, embora não tenha sido o autor do título *Amerika* (dado por Max Brod enquanto editor póstumo das obras do amigo) – o original é *O Desaparecido* –, ainda assim situa a ação desse seu primeiro romance nos EUA, país que Kafka nunca conheceu a não ser por postais ou livros.

Quer Wagner quer Dvořák eram demasiado arreigados à sua cultura nativa para se sentirem em casa num país tão diferente, embora já habitado quase na totalidade somente por emigrantes europeus; e, se não imaginamos Wagner a construir a sua obra imensa nos EUA, tão-pouco imaginamos Dvořák, o qual, no princípio, recusou o convite da fundadora do Conservatório Nacional de Música da América, o primeiro do género: Jeannette Thurber. Esta tentará, e conseguirá, moldar a instituição segundo os princípios europeus, atraindo a si compositores e outros músicos notáveis. A sua ideia, ao convidar Dvořák, partiu do princípio que deveria ser um compositor cuja música se baseasse no folclore do seu país a mostrar o caminho aos compositores norte-americanos; ou seja, Thurber não queria somente abrir uma escola de música, queria criar as fundações para uma escola norte-americana de composição, e conseguiu-lo-á com Dvořák, uma das apostas mais evidentemente ganhas da História da Música. Aliciado graças aos fundos de filantropia de Andrew Carnegie e outros grandes mecenas, por um salário substancialmente superior ao que ganhava na Boémia, Dvořák chega aos EUA em setembro de 1892 com a incumbência, enquanto diretor da nova instituição, de criar uma escola norte-americana de composição. A ironia, se podemos chamar assim o encontro de Dvořák com os EUA, dá-se de duas formas: na maneira como o compositor checo reage a Nova Iorque, a “cidade que nunca dorme” (logo no verão de 1893 muda-se com a família, que levava com ele, para Spillville, no Iowa, pequena comunidade rural onde existia uma forte comunidade de emigrantes checos, por forma a matar as saudades do seu país), e na forma como pensará a música que escreve nos EUA.

Embora a sonoridade da Boémia nunca abandone as suas obras, Dvořák está genuinamente interessado em conhecer a música norte-americana genuína, e mergulha no estudo dos espirituais negros e na música

dos nativos norte-americanos, na altura, os chamados “índios”. Será assim que nascem três obras-primas relacionadas com a descoberta dessa música, em particular a *Sinfonia do Novo Mundo* (título aliás que lhe foi sugerido por Jeannette Thurber) e o *Quarteto Americano*, para além da obra desta noite, o Concerto para Violoncelo. A ironia reside no facto de Dvořák (que, juntamente com Thurber, tentou que os estudantes afro-americanos ficassem isentos de propinas no Conservatório, dado provirem de famílias muito humildes, sem meios para as pagarem), num país extremamente racista, dizer ao meio musical – bastante conservador e baseado, como vimos, nos cânones europeus mais tradicionais – que o futuro da música norte-americana estava nas melodias dos nativos norte-americanos e nos espirituais negros e não na cópia de modelos europeus, modelos dos quais ele próprio era, suprema ironia, um dos maiores exemplos. O *New York Herald* cita assim a famosa declaração de Dvořák: “*In the Negro melodies of America I discover all that is needed for a great and noble school of music*”, iniciando-se com esta declaração (que quase três décadas mais tarde Maurice Ravel irá reiterar, para grande desgosto dos seus ouvintes norte-americanos) um debate estético que continuará durante anos e ajudará a formar uma consciência nacional no que à música diz respeito.

Foi por intermédio de Harry Burleigh, assistente de Dvořák no Conservatório, que o compositor conheceu os espirituais, ao ser apresentado ao violinista, maestro e futuro compositor afro-americano Will Marion Cook, que se tornará seu aluno, bem como um bem-sucedido compositor para a Broadway e o futuro mentor de Duke Ellington! E se isto já não fosse bom o suficiente, dois outros alunos seus do Conservatório serão mais tarde os professores dos dois mais iminentes compositores norte-americanos, e aqueles que, com Charles Ives, criarão a identidade norte-americana na música clássica: Aaron Copland e George Gershwin. Graças a estes esforços pelo reconhecimento do tesouro que era a música nativa e afro-americana, em particular por esta, quando o compositor falece em 1904, com apenas 63 anos, num dos obituários publicados poder-se-á ler: “Se tal fosse possível, os músicos afro-americanos, só por si, seriam suficientes para inundar a sua campã com lágrimas”.

O Concerto para Violoncelo será a última obra deste período, embora sem os “americanismos” das anteriores (o compositor pensaria já no regresso à Boémia). Dvořák não acreditava sequer no violoncelo como um bom instrumento solista, não obstante os vários e magníficos exemplos do repertório (ainda assim, não demasiado preenchido com obras-primas, é certo). Porém, o resultado será uma obra que é, para muitos, o maior e mais belo concerto alguma vez escrito para este instrumento, tão belo que terá feito Brahms (que fora mentor do jovem Dvořák e o ajudara a encontrar um editor alemão) exclamar: “Se soubesse que era possível escrever um concerto destes para violoncelo já o teria tentado eu próprio!”.

A encomenda do violoncelista checo Hanuš Wihan e a estreia do Concerto para Violoncelo n.º 2 de Victor Herbert, seu colega do Conservatório, acabarão com as dúvidas de Dvořák, que em 1895, na sua casa de Manhattan, aproveitará a visita do Quarteto Kneisel para, com o seu violoncelista, Alwin Shroeder, experimentar a nova obra com o próprio compositor ao piano. E, tal como aconteceu com a *Sinfonia do Novo Mundo* e o *Quarteto Americano*, a receção à nova obra foi um sucesso estrondoso, colocando-a imediatamente – como às suas irmãs “ianques” – no repertório. Porém, como referi, o Concerto é mais boémio que nova-iorquino e profundamente pessoal: a cunhada de Dvořák, Josefína Čermáková-Kounicová, foi o seu primeiro grande amor (o compositor casar-se-á, como Mozart, Haydn e outros fizeram antes dele, após esse amor não correspondido, com a sua irmã Anna) e o compositor usará uma sua canção, muito admirada por ela, *Lasst mich allein* (“Deixa-me sozinho”) como base para o segundo andamento do Concerto, escrito na mesma altura em que sabe que Josefina estaria seriamente doente.

Charles Ives, cuja Sinfonia n.º 2 é escrita, como vimos, durante o mesmo período da estadia de Dvořák nos EUA, é um dos mais singulares casos de ética artística e inovação contra tudo e todos. Filho de um maestro e trompetista de banda, formado em composição na prestigiada Universidade de Yale, Ives dedicar-se-á aos negócios enquanto profissão, não tentando sequer fazer vida da música, no que, aliás, tinha razão. Com a exceção da música mais ligeira, dos musicais da Broadway

e do ensino, ser-se compositor de música clássica nos EUA à época era uma condenação à pobreza. Assim, Ives começa a trabalhar na área dos seguros, abre a sua própria companhia e, através de inovadores métodos de apólices (estritamente humanistas, diga-se de passagem), consegue uma fortuna que chegará até ao fim da vida, permitindo-lhe retirar-se dos negócios e dedicar-se unicamente à composição. Infelizmente, se Ives tem toda a liberdade para inovar, uma vez que não precisa de agradar a um público, também não escutará quase nada do que escreverá nos próximos 30 anos depois de se formar. A novidade, ousadia e radicalismo da sua música, altamente experimental, embora baseada, toda ela, na música popular norte-americana (das canções rurais ao jazz, da música de banda às canções da Guerra Civil), fará com que Ives seja praticamente um desconhecido do meio musical até aos anos 40, quando maestros como Leopold Stokowski e Leonard Bernstein começarão, gradualmente, a dirigir a sua música e a gravá-la. Porém, o instinto modernista de Ives chocou de frente com Horatio Parker em Yale. Produto típico dos professores e compositores norte-americanos da época, formados por Brahms e outros compositores europeus mais tradicionalistas, Parker odiava as experiências de Ives, pelo que este concluiu o curso escrevendo música de acordo com os preceitos habituais. Em particular, as duas primeiras sinfonias revelam, claro, o impacto de Dvořák na música e no ensino norte-americano, mas a segunda, em particular, não obstante a pressão de Parker, revela também, em particular no último andamento, a rebeldia de Ives face a esse ensino rigoroso, de qualidade, mas demasiado atrasado de um ponto de vista estético. O gesto que, hoje, termina a sinfonia, um enorme “cluster” de 11 notas diferentes, que criam mais um ruído do que um acorde, gesto que culmina uma espécie de “carga de cavalaria” retirada de um Western imaginário (a música é baseada na célebre melodia patriótica muito usada na Guerra Civil, *Columbia, the Gem of the Ocean*, escrita por volta de 1843, melodia que Ives usará várias vezes e que é, de certa forma, uma espécie de “assinatura musical” do compositor), foi acrescentado muito depois por um Ives que, parece-me, quis deixar uma espécie de “provocação póstuma” a Parker e ao seu conservadorismo.

Nuno Coelho

Nuno Coelho é o Maestro Principal e Diretor Artístico da Orquestra Sinfónica del Principado de Asturias desde 2022. Consolidou uma reputação internacional ao dirigir orquestras de renome num amplo repertório de concerto e de ópera. Em 2026/27, destacam-se novas colaborações com a Sinfónica de Stavanger, a Filarmónica de Tampere, a Sinfónica de Hamburgo e a Sinfónica da BBC, bem como as suas estreias com a Sinfónica de Toronto, a Royal Northern Sinfonia e a Tonkünstler-Orchester. Nas Astúrias, termina o seu mandato como Maestro Titular, abrindo a temporada com *Daphnis et Chloé*, de Ravel, e culminando com várias apresentações da 9.^a Sinfonia de Beethoven.

No domínio da ópera, o seu trabalho com a Fundação Gulbenkian inclui uma versão semi-encenada de *Così fan tutte* e um encontro entre a ópera *Don Giovanni* de Mozart e a peça de teatro homónima de José Saramago, projetos que refletem o seu interesse em interligar o repertório musical com perspetivas culturais e literárias mais amplas. Outras produções incluem *La traviata*, *Cavalleria rusticana*, *Rusalka* e *Manon*, assim como uma produção encenada de *A Canção da Terra*, de Mahler, com a Britten Sinfonia, no Barbican Centre. Dedicado também a apoiar as novas gerações de músicos, é o fundador e diretor artístico da Mondego International Music Academy (MIMA), que reúne artistas de renome para orientar e formar jovens compositores, maestros e instrumentistas.

Nuno Coelho venceu o Concurso Internacional de Direção de Orquestra de Cadaqués (2017) e foi *Dudamel Conducting Fellow* na Filarmónica de Los Angeles (2018/19). No início da sua carreira, foi *Tanglewood Conducting Fellow*, maestro assistente da Netherlands Philharmonisch Orkest, recebeu o Prémio Neeme Järvi do Festival Menuhin de Gstaad e foi aceite no *Dirigentenforum*, do Conselho Alemão da Música. Natural do Porto e formado inicialmente em violino, estudou direção de orquestra na Universidade das Artes de Zurique, com Johannes Schlaefli.

Maximilian Hornung

Maximilian Hornung é considerado um dos mais notáveis violoncelistas da atualidade, sendo frequentemente elogiado não só pelo seu domínio técnico e versatilidade, mas também pela gama ilimitada de cores e sofisticação natural. Na temporada 2026/27, apresenta-se com a Orquestra Sinfónica da WDR de Colónia, a Filarmónica da Rádio dos Países Baixos, a City of Birmingham Symphony, a Orquestra do Mozarteum de Salzburgo, a Orquestra de Câmara de Zurique, a Filarmónica de Bergen, a Orquestra Beethoven de Bona e a Kammerakademie Potsdam. No verão de 2026, concretizou a sua estreia nos *BBC Proms*, com a Sinfónica de Bournemouth e Adam Hickox. Nos últimos anos, tem-se afirmado também na dupla função de solista e maestro, dirigindo com regularidade, mais recentemente com a Orquestra Sinfónica de Munique.

Em recital, é um convidado regular dos mais prestigiados palcos mundiais como a Philharmonie de Berlim, o Concertgebouw de Amesterdão, a Elbphilharmonie de Hamburgo, o Musikverein e o Konzerthaus de Viena, bem como os festivais de Salzburgo, Rheingau, Lucerna, Verbier, Schleswig-Holstein, Ravinia e Hong Kong. Os seus parceiros de música de câmara incluem Anne-Sophie Mutter, Lisa Batiashvili, Julia Fischer, Antje Weithaas, Hélène Grimaud, Daniil Trifonov, François Leleux, Joshua Bell, Yefim Bronfman, Vilde Frang e Denis Kozhukhin.

Maximilian Hornung nasceu em Augsburg em 1986 e iniciou os seus estudos de violoncelo aos oito anos, tendo recebido formação de Eldar Issakadze, Thomas Grossenbacher e David Geringas. Até 2011, tocou com o Trio Tecchler e conquistou o primeiro prémio no Concurso Internacional de Música ARD, em 2007. Com apenas 23 anos, foi nomeado primeiro violoncelista da Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, lugar que ocupou até 2013. Recebeu apoio e patrocínio do Borletti-Buitoni Trust, em Londres, e da sua mentora, Anne-Sophie Mutter. Desde 2022, é o Diretor Artístico dos Concertos de Verão de Traunstein.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962, a Fundação Calouste Gulbenkian estabeleceu um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo dos anos, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente pensadas.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos Concertino
Maria Balbi 2.º Concertino Auxiliar
Vicente Sobral 2.º Concertino Auxiliar
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Resende
Catarina Sá Duarte
João Castro*
Natália Ribeiro*
João Vieira de Andrade*
Ana Sofia Faria*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º Solista
Zachary Spontak 1.º Solista
Piotr Rachwał 2.º Solista
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
María Ramos
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Leonardo Guedes*
Cristiana Herculano*
Lyza Valdman*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º Solista
Lu Zheng 1.º Solista
João Tiago Dinis 2.º Solista
Nuno Soares
Sara Moreira
Andrew Shaw
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda*
Márcia Furtado*
João Barata*
Dinis Campos*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1.º Solista
Raquel Reis 1.º Solista
Jeremy Lake 2.º Solista
Gonçalo Lélis
Tiago Mirra
Maria Nabeiro
Ester Santos*
Pedro Ribeiro*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1.º Solista
Domingos Ribeiro 1.º Solista
Manuel Rêgo 2.º Solista
Marine Triolet
Vanessa Lima
Luís Ferreira*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1.º Solista
Sónia Pais 1.º Solista
Amália Tortajada 1.º Solista
Rui Matos 2.º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1.º Solista
Nelson Alves 1.º Solista
Alice Caplow-Sparks
1.º Solista | Corne Inglês
Sofia Rosas 2.º Solista*

CLARINETES

Iva Barbosa 1.º Solista
Telmo Costa 1.º Solista
José María Mosqueda
2.º Solista | Clarinete Baixo
Tiago Maia 2.º Solista*

FAGOTES

Ricardo Ramos 1.º Solista
Vera Dias 1.º Solista
Raquel Saraiva
2.º Solista | Contrafagote
Roberto Erculiani 2.º Solista*

TROMPAS

Duarte Moreira 1.º Solista
Pedro Fernandes 1.º Solista
Daniel Canas 1.º Solista*
Antonia Chandler 2.º Solista

TROMPETES

Carlos Leite 1.º Solista
Fábio Aguiar 1.º Solista
Christian Ibañez 1.º Solista*
José Pedro Pereira 2.º Solista

TROMBONES

Sergi Miñana 1.º Solista

Rui Fernandes 2.º Solista

Thierry Redondo

2.º Solista | Trombone Baixo

TUBAS

Amílcar Gameiro 1.º Solista

Elmano Pereira 1.º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1.º Solista

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2.º Solista

Ryoko Imai 2.º Solista*

João Braga Simões 2.º Solista*

PIANO / CELESTA

Joana David 1.º Solista*

HARPA

Erica Versace 1.º Solista*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

Mecenas
Gulbenkian Música



Mecenas
EGO



Mecenas
Piano e Orquestra



Mecenas
Ciclo de Piano



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**

Apoiamos a cultura *para melhorar a sociedade*



Próximos concertos

Quarteto Van Kuijk

02 nov
segunda 20:00

Petrouchka

Livestream gratuito*

05 nov quinta 20:00	06 nov* sexta 19:00
------------------------	------------------------

Fanny e Felix Mendelssohn

12 nov quinta 20:00	13 nov sexta 19:00
------------------------	-----------------------

Contos de Fadas

22 nov
domingo 11:00 / 15:00

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Entrada gratuita

23 nov
segunda 20:00

Jeanine De Bique Apollo's Fire

26 nov
quinta 20:00

Evite tossir.

A tosse perturba os músicos e o público.

Se precisar de tossir, procure abafar o som.

Se persistir, saia discretamente e regresse no final da obra ou do andamento.

Desligue o telemóvel.

O modo silencioso não impede alarmes

e um ecrã aceso é visível em toda a sala.

Não são permitidos registos de som ou imagem.

